

## A ESTRUTURA DO DP EM KAINGANG

### DP STRUCTURE IN KAINGANG

*Cristina Prim<sup>1</sup>*

*Marcos Carreira<sup>2</sup>*

#### RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura sintática dos DPs em Kaingang. O tema se mostra relevante devido à ausência de literatura gerativista que traga uma proposta de estrutura para a língua. A metodologia adotada é teórico-descritiva e os dados foram coletados de exemplos presentes na literatura não gerativista sobre a língua (em especial: WIESEMANN, 2011; GONÇALVES, 2007; DOMINGUES, 2013; NAVARRO, 2012). A descrição dos dados mostra similaridades com a estrutura da língua Gungbe (uma língua africana da família Gbe, subgrupo do Kwa), segundo a proposta de Aboh (1998). Por essa razão, estendemos a proposta de Aboh para os dados do Kaingang e encerramos com novos questionamentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kaingang. Expressões nominais. Sintaxe dos DPs. DP.

#### ABSTRACT

This paper aims to present an analysis of the DP structure in Kaingang. The theme is relevant due to the absence of generative literature that brings a proposal of this structure for that language. The methodology adopted is theoretical-descriptive and data were collected from examples present in the published non-generative research on the language (in particular: WIESEMANN, 2011; GONÇALVES, 2007; DOMINGUES, 2013; NAVARRO, 2012). The description of the data shows similarities with the Gungbe language structure (an African language of the Gbe family, Kwa subgroup), as proposed by Aboh (1998). For this reason, we extended Aboh's proposal to Kaingang data and we finish the paper with new questions.

**KEYWORDS:** Kaingang. Nominal expressions. DP syntax. DP.

#### Introdução

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a estrutura dos DPs da língua Kaingang. Não há, até onde sabemos, trabalhos que se debrucem sobre este mesmo objetivo, para essa língua.

Para isso, organizamos este trabalho em quatro seções. Na primeira, trazemos uma contextualização sobre a língua Kaingang e explicitamos a metodologia deste trabalho, que contou com a coleta dos dados a partir de exemplos presentes na literatura sobre a língua. A segunda seção apresenta uma descrição do DP nesta língua, ainda que parcial, devido às limitações impostas pela metodologia. A terceira seção traz uma comparação com a língua Gungbe, a partir da proposta de Aboh (1998), para, em seguida, na quarta seção, estendermos a proposta de Aboh ao Kaingang, devido a sua similaridade sintática. Por fim, apontamos algumas questões que ficam em aberto para futuras pesquisas e apresentamos as conclusões deste estudo.

<sup>1</sup> Professora de Linguística do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), [cristinaprim@utfpr.edu.br](mailto:cristinaprim@utfpr.edu.br), <https://orcid.org/0000-0002-7199-313X>.

<sup>2</sup> Professor da área de Língua Portuguesa e Linguística do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Letras (Estudos Linguística) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), [marcoscarreira@uepg.br](mailto:marcoscarreira@uepg.br), <https://orcid.org/0000-0001-9529-5363>.

## 1. A Língua Kaingang

O Kaingang (Caingangue, Kanhgág), juntamente com o Xokleng e o Ingáin<sub>r</sub>, formam o grupo meridional<sup>3</sup> das línguas da família Jê, pertencente ao tronco Macro-Jê, de acordo com a classificação de Rodrigues (1999). Para este mesmo autor (1986 apud NASCIMENTO, 1995), o Kaingang é a mais diferenciada das línguas da família Jê, e também a com maior número de falantes. Os dados do IBGE de 2010 indicam que a população Kaingang é formada por 37.470 pessoas (NASCIMENTO, 2017, p. 25), e, segundo Navarro (2012) e o *Portal Kaingang*,<sup>4</sup> 60% destes falam a língua Kaingang, constituindo assim uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil e o terceiro maior povo indígena do Brasil.<sup>5</sup> Mesmo assim, a língua é classificada como “definitivamente ameaçada de extinção” pelo *Atlas of the world’s languages in danger* da UNESCO, situação comum entre as línguas indígenas brasileiras.

A língua Kaingang é falada nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Por conta de sua distribuição, encontramos estudos como o de Silva (2012), que se dedica a estudar e registrar sua variação linguística. Wieseman (1971 apud Navarro, 2012, p. 14), por sua vez, propõe uma categorização dos dialetos do Kaingang. Essa categorização separa as variações linguísticas em cinco grupos, a partir da distribuição geográfica:

- a) Dialeto de São Paulo (SP), entre os rios Tietê e Paranapanema;
- b) Dialeto do Paraná (PR), entre os rios Paranapanema e Iguazu;
- c) Dialeto Central (C), entre os rios Iguazu e Uruguai, no estado de Santa Catarina;
- d) Dialeto Sudoeste (SO), ao sul do rio Uruguai e a oeste do rio Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul;
- e) Dialeto Sudoeste, ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo.

A variação linguística é indiscutivelmente natural nas línguas, mas podemos também atribuir a distribuição do Kaingang em 30 terras indígenas diferentes parte da motivação para essa variação, além de migrações espontâneas de famílias de uma região para outra e o contato esporádico entre grupos de diferentes regiões ou mesmo com outras etnias (WIESEMANN, 2011, pp. 8-9).

<sup>3</sup> Rodrigues (1999): Setentrional (Apinajé, Kayapó, Timbira, Paraná, Suyá), Central (Xerente, Xavante, Xakriabá), Meridional (**Kaingang**, Xokleng, Ingáin).

<sup>4</sup> O *Portal Kaingang* trata-se de um espaço criado em 2005 pela antropóloga Juracilda Veiga e pelo linguista Wilmar da Rocha D’Angelis para divulgar informações a respeito do povo Kaingang ([http://www.portalkaingang.org/index\\_home.html](http://www.portalkaingang.org/index_home.html)).

<sup>5</sup> O Kaingang fica atrás do Tikuna, no Amazonas, e o Kaiowá-Guarani, no Mato Grosso do Sul, que contam, respectivamente, com 46 mil e 43 mil pessoas (NASCIMENTO, 2017, p. 25).

Em termos sintáticos, o Kaingang se constitui como uma língua SOV<sup>6</sup>, ou SV, no caso dos verbos intransitivos, de acordo com D'Angelis (2006) e Gonçalves (2007). Na literatura, discute-se se o sujeito é morfologicamente marcado (WIESEMANN, 2011) ou se há morfemas funcionais que seguem o sujeito e licenciam orações finitas (NASCIMENTO, 2017). Ainda em termos morfológicos, Nascimento (2017) a classifica como uma língua isolante, sem uma morfologia flexional muito rica. Além disso, a língua marca lexical e gramaticalmente as categorias de aspecto, tempo e modo (SILVA, 2012). Por fim, configura-se como uma língua posposicional. Esta última característica interessa sobremaneira a este trabalho, ainda que as demais também sejam relevantes ao nosso objetivo, devido à tendência de as línguas se harmonizarem no que se refere ao domínio verbal e nominal (cf. GREENBERG, 1966).

Antes de partirmos para a descrição e proposta deste trabalho, apresentemos a metodologia adotada. Todos os dados apresentados neste trabalho foram coletados da literatura especializada na língua Kaingang.<sup>7</sup> Pesquisamos, em especial, os dados apresentados por Wiesemann (2011), Gonçalves (2007), Domingues (2013) e Navarro (2012). Essa metodologia só se tornou possível, pois os DPs são abundantes nas línguas, e praticamente todos os exemplos apresentados pelos autores se tornaram relevantes para nossa descrição. As glosas apresentadas foram retiradas dos autores consultados com adaptações para este trabalho a fim de buscar uniformidade terminológica. Os dados do Dicionário da Wiesemann, no entanto, não apresentavam glosas e, por isso, o fizemos (apenas aos DPs analisados, e não toda a sentença) a partir das traduções palavra-a-palavra do próprio dicionário de Wiesemann e de descrições dos demais trabalhos consultados. Como não trabalhamos diretamente com falantes do Kaingang, sabemos que as descrições que trazemos são parciais, pois se baseiam apenas em dados de produção. Contudo, devido à ausência de trabalhos com o mesmo objetivo trazido aqui, este trabalho pode servir de ponto de partida para uma discussão mais aprofundada e para um trabalho de campo, que sem dúvida é indispensável.

## 2. Descrição parcial do DP em Kaingang

Não há, na literatura sobre o Kaingang, uma descrição detalhada da estrutura dos DPs. O trabalho de Navarro (2012) dá alguns passos nessa direção, estudando o DP no Kaingang paranaense. O pesquisador propõe discutir restrição de domínio e a ideia de totalidade (expressa por *kar*, que, para Navarro, é um modificador que ocorre interno ao DP). O autor assume que: (i) os DPs em Kaingang seguem a ordem nome-determinante, compatível com a descrição da língua como de núcleo final; (ii) os determinantes definidos em Kaingang são capazes de retomar informações previamente apresentadas.

---

<sup>6</sup> Nos casos de sujeito pronominal, o sujeito pode ser posposto ao objeto e ao verbo, segundo Navarro (2012), o que ainda preserva objeto e verbo adjacentes.

<sup>7</sup> Duas razões nos levaram a esta metodologia. A primeira foi a pandemia da COVID-19, que impediu a realização de trabalhos de campo. A segunda razão é a completa ausência de literatura que trouxesse descrição dos dados do DP. Sem isso, sequer seria possível o estabelecimento de hipóteses para verificação. Consideramos então que, mesmo com seus limites, a metodologia adotada era fundamental como ponto de partida para os estudos do DP em Kaingang.

Ainda segundo Navarro (2012), os **determinantes definidos**<sup>8</sup> assumem as formas fonéticas -ti e -fi para singular masculino e feminino (indicado como *sg.masc* e *sg.fem*), respectivamente; e -ag e -fag para o plural masculino e feminino (*pl.masc* e *pl.fem*), respectivamente.

- (1) [Kanhgág ag ] vỹ [in ti ] han Ø. (NAVARRO, 2012, p. 18)  
 [Kaingang pl.masc ] NUC/m.s [casa sg.masc] fazer ASP  
 ‘Os kaingangs fizeram a casa’.
- (2) a. [ Kanhgág ti/fi ] ter Ø. (NAVARRO, 2012, p. 18)  
 [ Kaingang sg.masc/fem] morrer ASP.  
 ‘O/ a Kaingang morreu.’
- b. [Kanhgág ag/fag ] kãgter Ø.  
 [Kaingang pl.masc/fem] morrer-PL ASP  
 ‘Os/ as kaingangs morreram.’

No exemplo (1), vemos vỹ, classificado por Navarro como um dos possíveis marcadores de sujeito (m.s.) da língua (veja o apêndice ao final do artigo para uma lista de siglas). Já Nascimento (2017) os classifica como núcleos oracionais (NUC). Como mostra o exemplo em (2), nem sempre estes marcadores/núcleos estão foneticamente presentes.<sup>9</sup> Não trataremos destes marcadores neste trabalho devido a discussão que ainda se faz pertinente sobre sua presença interna ao DP ou não; no entanto, eles têm importância para o modo como isolamos os DPs na língua, na medida em que eles são bons indicadores de fronteira do DP em posição de sujeito.

No trabalho de Silva (2012), encontramos exemplos nos quais o determinante definido se encontra nu em Kaingang (ver exemplo 3 e 4, de outros autores). Este tipo de sintagma nominal nu, de acordo com nossa verificação de dados, é permitido em todas as posições argumentais,<sup>10</sup> assim como os DPs com D preenchido. Não encontramos nem marcas nas glosas nem uma descrição na literatura que tenha sinalizado uma possível diferença de interpretação dos DPs com e sem determinantes definidos.

<sup>8</sup> Como mostraremos neste trabalho, os determinantes definidos têm um comportamento bastante diferente dos indefinidos, o que nos levará a argumentar por uma natureza distinta para estas partículas *ag/fag/ti/fi*. Por conta disso, seguiremos a mesma estratégia adotada por Nascimento ao glosar estas partículas apenas indicando número e gênero e não indicando que se trata de um determinante ou artigo, como o fazem os demais autores consultados.

<sup>9</sup> Dentre os autores que classificam estas partículas como indicadores de sujeito, temos Wiesemann (2011, pp. 159-60), Navarro (2012), Domingues (2013), Gonçalves (2007). Nascimento (1995), por sua vez, as classifica como marcadores de caso. Já Nascimento (2017), as reinterpreta como núcleos oracionais. Ainda que Nascimento reconheça que estes marcadores ocorrem sempre após os sujeitos, ela os classifica como núcleos oracionais porque, como contribuição discursiva ou pragmática e semântica, estas partículas variam entre evidenciais e tipificação de sentenças como declarativas, interrogativas e negação. Remetemos o leitor em especial a Nascimento (2017, p. 57), onde encontramos uma tabela com as funções de diferentes núcleos oracionais do Kaingang. Morfossintaticamente, estas partículas estariam licenciando a oração matriz. Nas glosas, manteremos a classificação de que se trata de núcleos oracionais (NUC), ainda que estejamos apresentando exemplos de Navarro (2012), Domingues (2013), Gonçalves (2007), que os classificam como marcadores de sujeito.

<sup>10</sup> Ver neste trabalho também os exemplos (6.) (9), (19-22), (25), (32).

- (3) [Giz kupri] vỹ tũg (DOMINGUES, 2013, p. 65)  
 [Giz branco] NUC acabar  
 ‘O giz branco acabou.’
- (4) [Kyrũ ] vỹ prỹg kar mĩ ti pahn mỹ ěpã han tĩ (GONÇALVES, 2007, p. 164)  
 [rapaz ] NUC ano todo ‘em<sup>11</sup>’ 3p pai para roça v.fazer ASP  
 ‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos.’

Sobre a **marcação de gênero**, segundo Nascimento (2017, p. 61) e D’Angelis (2002, p. 227), essa é obrigatória com o gênero feminino (*fi/fag*), mas não o é com o masculino (*ti/ag*). Como os determinantes trazem essa informação de gênero, os nomes nus são esperados apenas com nomes de gênero masculino. Mais abaixo, retomaremos a discussão sobre os determinantes definidos, problematizando a descrição presente na literatura.

Estes itens, *ag*, *fag*, *fi* e *ti*, que descrevemos inicialmente como determinantes são também foneticamente idênticos ao que é descrito como pronomes pessoais de terceira pessoa, como vemos o *ti* em (5a), e aos **possessivos** de terceira pessoa, como o *ag* em (6) – veja também o apêndice ao final do artigo:

- (5) a. **Ti** tóg kasor tãnh. (NASCIMENTO, 2017, p. 42)  
**sg.3p** NUC<sup>12</sup> cachorro bater.SG  
 ‘Ele bateu no cachorro’
- b. **Ti** ãn ra ti vyr (ABREU, 2009, p. 51)  
 poss.sg.3p casa posp sg.3p ir  
 ‘Ele foi para casa dele’
- (6) Fóg ag tóg, [**ag** gãnh ] kónhgrĩgrĩg tĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 49)  
 [**pl.3p** cabelo ]  
 ‘Os não-índios enrolam seus cabelos’

É a sintaxe que estabelece a interpretação desses itens como pronomes pessoais, como possessivos ou determinantes. Por exemplo, *inh* pode ser usado como *eu* ou como *meu*, vide exemplo (7) e (8); *ã* como *teu* ou *tu/você*, (9); *ti* como *seu* (5b), *ele* (5a) ou o determinante *o* (2). Para o plural, o possessivo de primeira pessoa é *ẽg*, de segunda *ãjag* e de terceira *ag/fag*, (10).

- (7) [Inh jóg jave ag ] tỹ ěkrãnh kamã ja nỹtĩ (GONÇALVES, 2007, p. 195)  
 [sg.1p pai antepassado pl.masc ] NUC caçador fazer sempre ASP ASP  
 ‘Meus avós eram bom caçadores’
- (8) [Inh kósin] ta kusã mĩ rãnhrãj tĩ (GONÇALVES, 2007, p. 166)  
 [sg.1p filho ] NUC dia ‘em’ v.trabalhar ASP  
 ‘Meu filho trabalha todos os dias’

<sup>11</sup> Segundo Gonçalves (2007), *mĩ*, em referência temporal, indica “ao longo de determinado tempo”.

<sup>12</sup> A autora classifica *tóg* como um núcleo oracional também.

- (9) [Ã kósin] tóg, krój nĩ ve nĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 52)  
[sg.2p filho ]  
'Teu filho parece fraco'
- (10) Fóg ag tóg, [ag gãnh ] kónhgrĩngřĩg tĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 49)  
[pl.3p cabelo ]  
Os não-índios enrolam seus cabelos.

**Pronomes possessivos** são sistematicamente posicionados antes dos nomes por eles modificados, como mostramos também o exemplo (12). Além disso, tanto o pronome possessivo quanto as construções de posse podem coocorrer com o determinante (cf. exemplos (12) e (13)). Esses dados nos servem de base para afirmar que isto que está sendo interpretado como pronomes possessivos são sempre pré-nominais, e determinantes definidos são pós-nominais. Como podem ser, a princípio, foneticamente idênticos, é a posição sintática que determina a sua interpretação como pronome possessivo ou como determinante definido.

- (11) [\*Fog ãjag ] vỹ goj kygvénh Ø. (NAVARRO, 2012, p. 20)<sup>13</sup>  
[ Homem-branco pl.2p ] NUC rio sujar-PL ASP  
'Homens brancos vocês sujaram os rios.'
- (12) [Inh nỹ fi ãn ]ra inh vyr Ø. (NAVARRO, 2012, p. 19)  
[sg.1p mãe sg.fem casa ] para eu ir ASP  
'Eu fui para casa da minha mãe.'
- (13) Jũm vỹ [kanhgág ti ãn ti ]han Ø. (NAVARRO, 2012, p. 19)  
João NUC [kaingang sg.masc casa sg.masc] fazer ASP.  
'João fez a casa do kaingang.'

Assim como os pronomes possessivos, as estruturas de posse nominal também precedem o núcleo modificado. Não há um marcador relacional aberto na língua.

- (14) [Inh panh ãn ] vỹ kutẽ mũ kãka tỹ (GONÇALVES, 2007, p. 141)  
[sg.1p pai casa ] NUC v.cair ASP vento com  
'A casa do meu pai caiu com o vento.'
- (15) Maria fi vỹ fóg ti mỹ [kanhgág ti garinh fi ] feg Ø (NAVARRO, 2012, p. 19)  
Maria sg.fem NUC homem-branco sg.masc para [kaingang sg.masc galinha sg.fem] dar ASP  
'A Maria deu a galinha do kaingang para o homem branco.'

<sup>13</sup> Segundo um dos pareceristas deste trabalho, este exemplo é gramatical nas variantes faladas no Rio Grande do Sul.



Este comportamento dos pronomes é reforçado por Rodrigues (1999, p. 185) quando descreve que “Há distinção de gênero masculino/feminino em pronomes de terceira pessoa nas línguas Jê sulistas (isto é, o Kaingang e Xoklég)” (tradução dos autores).<sup>14</sup>

Estes dados de estruturas de posse nos fazem questionar a existência de pronomes possessivos na língua Kaingang. Não há diferenças fonéticas entre pronomes retos e estes que foram classificados como possessivos (consultar o apêndice deste artigo). A ausência de um marcador relacional pode indicar que temos apenas pronomes pessoais em estruturas de posse. Assim, em (9), por exemplo, teríamos algo como “filho de você”, e não “seu filho”, e em (12), temos “mãe de eu”, e não “minha mãe”. Certamente este ponto merece uma investigação mais aprofundada, mas por conta destes apontamentos, não consideraremos os possessivos na estrutura do DP, visto que podem ser descritos simplesmente como DP encaixado em outro DP.

Com base nos exemplos de Navarro (2012) e em exemplos de Wiesemann (2011), Gonçalves (2007), Domingues (2013), observamos que os determinantes definidos e pronomes de terceira pessoa (todos foneticamente idênticos) apresentam a distinção masculino e feminino. Também é possível observar nos dados que nomes,<sup>15</sup> adjetivos<sup>16</sup>, determinantes indefinidos e demonstrativos não concordam em gênero ou número com o pronome possessivo/ determinante definido.<sup>17</sup>

Sobre os **demonstrativos** (*ẽn*; *tag*), estes também ocorrem pospostos ao nome, e podem coocorrer com o que por ora chamamos determinantes definidos. A coocorrência de determinantes definidos e demonstrativos não é obrigatória, como mostram os exemplos (16) e (17), mas é possível observar essa possibilidade nos exemplos (18), (19), (20) e (21). É preciso que se investiguem quais traços os determinantes definidos compartilham com os demonstrativos em Kaingang, e quais as diferenças de leitura entre o uso do demonstrativo acompanhado ou não de determinante definido. Neste trabalho, apenas atestamos a possibilidade de coocorrência, dada nossa limitação metodológica, como vemos no exemplo (18), mas não sua obrigatoriedade, como vemos em (16) e (17). Os dados de (18) a (21) mostram consistentemente que os demonstrativos se posicionam entre o nome e o determinante definido nos casos de coocorrência.

<sup>14</sup> No original: “*There is a masculine/feminine gender distinction in third person pronouns in the Southern Je languages (i.e. Kaingáng and Xoklég).*”

<sup>15</sup> Nesse exemplo de Silva (2011) há uma análise de marca de plural no nome:

Kotit\_e    bāk    kronia    goio  
Criança\_pl    itens    beber    água  
‘As crianças bebem muita água’.

No entanto, nos demais trabalhos consultados, não encontramos essa mesma marcação. No trabalho de D’Angelis (apud NASCIMENTO, 2017, p. 42), a partícula *e* aparece para indicar *uitos*. A nosso ver, pode se tratar de um problema na glosa feita por Silva (2011).

<sup>16</sup> Ver em Nascimento (2017, p. 49) exemplos de um grupo limitado de adjetivos que podem concordar em número com o nome.

<sup>17</sup> Christino e Lima e Silva (2012), em sua análise da concordância nominal e verbal na escrita em Kaingang, apontaram a existência de estruturas com marcação de plural exclusivamente no último elemento do sintagma nominal, o que as leva a postular que a marcação de plural ocorre sempre à direita do sintagma na língua Kaingang.

- (16) [Kyrũ ãn ] vỹ, fe tũ pẽ jẽ. (WIESEMANN, 2011, p. 17)  
[moço DEM] NUC  
'Aquele moço é teimoso.'
- (17) [Fág ãn ñño ] tá kusé vỹ ñĩ (WIESEMANN, 2011, p. 16)  
[pinheiro DEM. copa ]  
'Na copa daquele pinheiro tem um irapuá'
- (18) [Kanhgág ãn fi ] ne kajika han jẽn na. (GONÇALVES, 2007, p. 126)  
[Índio DEM sg.fem] NUC canjica v. fazer MP marcador de modo  
'Aquele índia está fazendo canjica.'
- (19) [Ûn vëgnĩ ãn ag ] tóg tỹ, jagnẽ hã pẽ nỹtĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 26)  
[alguém<sup>18</sup> gêmeos DEM pl.masc]  
"Aqueles gêmeos são muito parecidos"
- (20) [Kanhgág ãn fi ] ta vajkỹ fi vãfy vëneme kej tĩg ma, cidade tá. (GONÇALVES, 2007 p. 163)  
[Índio DEM sg.fem] NUC amanhã poss.sg.3p.fem artesanato v.vender mf v.andar ASP cidade lá.  
Aquele índia amanhã vai vender seu artesanato na cidade.
- (21) [Ã kur tag ti ] vỹ, ã ki há ñĩ (WIESEMANN, 2011, p. 46)  
[sg.2p roupa DEM sg.masc ] NUC  
Esta sua roupa cabe bem em você.

Os **determinantes indefinidos**, diferentemente dos que foram descritos como definidos, não trazem marcas de gênero ou número, como mostra o exemplo (22) (a retomada pelo determinante definido feminino dá evidências dessa ausência de marcação de gênero nos determinantes indefinidos).

- (22) Rãketá inh [mĩg ã ] ve Ø. [Mĩg fi ] tóg inh ñn rã jẽ ja ñĩ. (NAVARRO, 2012, pp. 18-19)  
ontem eu [onça um] ver ASP. [Onça sg.fem] NUC 1poss casa perto ASP (?) ASP.  
'Ontem eu vi uma onça. A onça estava perto da minha casa'
- (23) [Fóg ã ag ] tóg, tigtéj nỹtĩgtĩ (WIESEMANN, 2011, p. 85)  
[Não-índio D-indef pl.masc ]  
'Alguns não-índios são bem altos'
- (24) Médico vỹ, [ũn kaga ã ag ] kygpãg tĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 57)  
[alguém doente D-indef pl.masc]  
'Os médicos operam certos doentes'

<sup>18</sup> No dicionário de Wiesemann (2011), *Ûn* é traduzido como *alguém*, mas nos parece que esta palavra tenha um comportamento de nome, não de pronome. Talvez uma tradução mais adequada seria *pessoa*, mas optamos por seguir a tradução da Wiesemann neste e em todos os exemplos traduzidos por nós.



- (25) [Texto tag ã ag ] tó mũ: a) Fóg ag ga ki kãge mũ kã [...] (VESTIBULAR INDÍGENA UFPR 2012, p. 13)  
[texto DEM D-indef pl.masc]<sup>19</sup>  
Possível tradução: ‘alguns destes textos’
- (26) [Pã’i ã ] vỹ kanhgág ag mỹ garĩnh fi fẽg Ø. (NAVARRO, 2012, p. 17)  
[Cacique D-indef ] NUC Kaingang pl.masc para galinha sg.fem dar ASP  
‘Um cacique deu a galinha para os kaingangs’

Um ponto importante aqui é que há casos de coocorrência de indefinidos com o que foi descrito como definidos (exemplos 23 e 24), ou mesmo com demonstrativos (exemplo 25), mas também é possível apenas a ocorrência do nome com o indefinido (exemplo 26). Precisamos de mais pesquisas para entender tais coocorrências. Mas o que podemos aventar a partir disso é que não há evidência para a existência de determinantes definidos nesta língua. A coocorrência com os indefinidos impossibilita a análise de que há determinantes definidos em kaingang e pode ser um argumento para defendermos que o que foi posto como determinante definido é apenas uma codificação dos traços de gênero e número.

Do ponto de vista sintático, podemos postular, com base nos exemplos, que os indefinidos se localizam entre os demonstrativos e os marcadores de gênero e número (ver exemplo (25)).

No que se refere a **numerais cardinais e ordinais**, vemos a ordem nome-numeral, como nos seguintes exemplos (27) a (31). Há a possibilidade de coocorrência com a marca de gênero e número (exemplos 28-29) e/ou com demonstrativo (exemplo 30), casos em que o numeral se encontra entre o nome e o demonstrativo ou marcado de gênero/número.

- (27) Vafy tỹ kre vỹ, [pénu vẽnhkagra] nĩgtĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 72)  
[canto quatro ]  
‘O balaio do artesanato tem quatro cantos’
- (28) Ti tỹ [prũ tãgtũ fag ] vãm vẽ há. (WIESEMANN, 2011, p. 93)  
[esposa três pl.fem ]  
‘É a terceira esposa<sup>20</sup> que ele abandona’
- (29) Kanhgág ve ag ] je tỹ ga ki kãpa kỹ nỹtĩ. (NASCIMENTO, 2017, p. 99)  
[Kaingang primeiro pl.masc] REPORT NUC terra POSP sair então ASP  
‘Conta-se os primeiros Kaingang originaram-se da terra’
- (30) “Inh hỹn [ũn régre tag ag ] kã ã tỹ hẽ kavãn mũ ha?” he tóg (TOPE Vĩ RÃ, Mateus cap. 27, versículo 21, p. 71)  
[alguém dois DEM pl.masc]

<sup>19</sup> Não há tradução no documento. A glosa foi feita com base no dicionário de Wiesemann (2011).

<sup>20</sup> Neste exemplo, o determinante está com marca de feminino plural, o que não se reflete na tradução oferecida por Wiesemann. Este exemplo vem reforçar nossa dúvida sobre a natureza dos determinantes definidos no Kaingang, cf. novamente nota 8.

- (31) [Inh kósin ve kósin sĩ ] mễg (WIESEMANN, 2011, p. 172)  
 [sg.1p filho primeiro filho pequeno] criação  
 ‘A criação do filhinho do meu filho mais velho’

Por fim, **os adjetivos**. Há apenas um trabalho, até onde sabemos, que trata dos adjetivos em Kaingang. Sob uma abordagem funcionalista, Domingues (2013) descreve morfossintaticamente as classes dos nomes e dos verbos com o objetivo de contribuir para a construção da gramática pedagógica do Kaingang, projeto coordenado por Ludoviko Carnasciali dos Santos (UEL). A autora se interessa em discutir os adjetivos por reconhecer que estes possuem uma estabilidade intermediária entre nomes e verbos, em diversas línguas. A autora segue Payne (1997), que afirma que se uma língua possui uma classe morfossintaticamente distinta para os adjetivos, os adjetivos vão expressar as propriedades de idade, dimensão, cor, valor, dentre outros. Estas propriedades de fato são encontradas na língua Kaingang. Retomamos o exemplo (3) como (32) e acrescentamos (33) abaixo:

- (32) [Giz kupri ] vỹ tũg. (DOMINGUES, 2013, p. 65)  
 [Giz branco] NUC acabar.  
 ‘O giz branco acabou’
- (33) Isỹ [kur si tag ] janjãn kãn ke nẽ. (WIESEMANN, 2011, p. 28)  
 [roupa velha DEM ]  
 ‘Vou acabar de rasgar esta roupa velha’

Contudo, apostar na dimensão semântica dos adjetivos para defender a existência da classe de palavras pode ser duvidoso. Como nos traz Panagiotidis (2016), defender categorias lexicais não é o mesmo que defender “escaninhos conceituais”. A categorização linguística é diferente da categorização conceitual. Se *branco* ou *velho* são tratados da mesma forma pela gramática, isso não significa que compartilhem propriedades nocionais. Panagiotidis (2016) nos lembra que, diferentemente de verbos, adjetivos não possuem construções leves, não existem na forma perifrástica; e diferentemente de nomes, não são nunca independentes. Em geral, o que temos, segundo Panagiotidis (2016), é um dos seguintes cenários:

- f) línguas em que um nominal faz a função do adjetivo, geralmente em estruturas dativas. Nestas línguas há frequentemente uma classe fechada de adjetivos básicos.
- g) Línguas em que o adjetivo se comporta como uma subclasse da categoria dos verbos.
- h) Línguas em que o adjetivo se divide entre uma subclasse dos verbos e subclasse dos nomes.
- i) Línguas com adjetivos “bona fide”.

Se considerarmos que nomes criam *Kinds*, esperamos ter algum mecanismo para usar nomes com função atributiva ou predicativa, tipicamente reservada aos adjetivos, e este mecanismo pode ser uma marcação genitiva ou dativa. Ou seja, há uma saída sintática para a ausência de uma classe

de palavras separada para os adjetivos. Ainda assim, é comum encontrarmos em línguas com estes marcadores uma classe separada de palavras que existe apenas presa a nominais ou em posição predicativa e que não são derivados via recategorização de nome ou de verbo. No caso de *branco* e *velho*, temos de fato palavras que só existem em função atributiva ou predicativa e que não são derivados de nomes ou verbos. Assim, é neste sentido que devemos interpretar a existência de uma classe de adjetivos, mas como não temos como assegurar que esta mesma relação ocorra em Kaingang, este não é um argumento definitivo para a existência da classe de adjetivos.

Uma segunda observação é a posição sintática de *branco* e *velho* nos exemplos (32) e (33), que difere da posição assumida por nomes modificando outros nomes, como vimos em (13)-(15), dado que, nestes exemplos, os nomes modificadores se posicionam antes dos nomes modificados (sempre pré-nominais). E ainda, segundo descrição de Domingues, os adjetivos em Kaingang estão em posição subsequente ao nome e anterior ao determinante, o que nos faz defender que há de fato uma classe de adjetivos.<sup>21</sup>

Como a análise que faremos é baseada em exemplos presentes na literatura, não temos informações suficientes para saber como coocorrem dois ou mais adjetivos juntos em um mesmo DP, ou mesmo todas as possibilidades de modificação do adjetivo. Esta é mais uma questão que deixaremos em aberto.

No que se refere a sintaxe dos adjetivos, os exemplos (32) e (33) mostram a posposição do adjetivo em relação ao nome, ocorrendo entre o nome e os demonstrativos, como no exemplo (33), ou entre nomes e marcadores de gênero e número, como o exemplo (34), abaixo, indica.

- (34) [Kanhgág si ag ] ĩmĩn han tĩ governo mĩ (GONÇALVES, 2007, p. 165)  
 [Índio antigo pl.masc ] estrada v.fazer ASP governo para.  
 Os índios antigos abriram muitas estradas para o governo.

Os adjetivos podem ainda aparecer modificados por advérbio. A rigor, nesses casos, os advérbios estão estruturalmente relacionados aos APs e não aos DPs, mas acrescentaremos à nossa discussão notas sobre seu comportamento sintático. No caso de **advérbio modificando o adjetivo**, o advérbio aparece posposto ao adjetivo. Há processos morfológicos possíveis de intensificação ((tãg = gordo), (tãgy = muito gordo), (mág = grande), (mag = muito grande)), mas em termos sintáticos, o que temos é:

- (35) Mi junh vỹ tỹ, [pỹn mág pẽ ] nĩgtĩ. (WIESEMANN, 2011, p. 60)  
 [cobra grande muito]  
 A anaconda é uma cobra muito grande.

A ordem de todos esses elementos parece fixa. Mas, como dito, essa asserção é baseada em observação de exemplos de diversos trabalhos publicados sobre a língua Kaingang, e não em pesquisa direta com falantes do Kaingang. Os exemplos de coocorrência de demonstrativos, determinantes,

<sup>21</sup> A posição predicativa também está disponível para os adjetivos, mas não trataremos dela neste trabalho, pois estamos olhando para os limites do DP.

adjetivos e/ou numerais podem sugerir a ordem de um item em relação ao outro. No exemplo abaixo, podemos observar a coocorrência de nomes, adjetivos, numerais e determinantes definidos.

- (36) Ti vỹ tỹ [pã'i mág régre ag ] tỹ jagně kato rá rá kãgrén nĩ  
 (ex. PROJ. WEB INDÍGENA)  
 [chefe grande dois pl.masc]  
 (...) os dois grandes chefes

Assim, com base nos exemplos apresentados acima, sobre a posição dos nomes e possessivos, dos adjetivos, dos demonstrativos, dos numerais, do determinante indefinido e do marcador de gênero e número, podemos deduzir que a ordem linear dos elementos na estrutura do DP do Kaingang seria:

- (37) POSS > NOME > ADJ. (+ADV) > NUMERAL > DEM > D-INDEF. > GEN/NUM.

Sobre os possessivos, como discutimos anteriormente e como vemos em (37), o único elemento que ocorre à esquerda do nome é o que a literatura descreve como possessivo. De fato, a hipótese que parece ser a mais plausível é de que não há possessivos em Kaingang, e sim pronomes retos em estruturas de posse. Uma segunda observação sobre (37) é que podemos ver que o Kaingang organiza os itens lexicais mais à esquerda, próximos ao nome, e os itens gramaticais mais à direita.

Sobre os adjetivos, vemos que em diversas línguas, estes apresentam posicionamento sintático variável, o que poderia ser o caso em Kaingang, mas não encontramos nenhum exemplo de adjetivo ocupando a posição anteposta ao nome (o que não quer dizer que não haja essa possibilidade). O alinhamento de itens lexicais de um lado e de itens gramaticais do outro pode tornar esta hipótese menos provável de ocorrência, mas sem dúvida valeria uma pesquisa mais aprofundada.

Como apresentado anteriormente, o Kaingang é uma língua SOV e [Gen N Adj<sup>22</sup>]. Segundo a classificação de Hawkins (1986, p. 288 apud RIJKHOFF, 2002, p. 261) sobre as línguas, em contribuição à larga pesquisa de Greenberg (1966), foram encontradas 55 línguas que seguem este mesmo padrão sintático. Uma hipótese formulada com base no Princípio de Proximidade de Núcleo é de que em línguas nas quais o objeto precede o verbo (SOV), os modificadores adnominais tenderiam a preceder o nome. O “Princípio de Harmonia Transcategorial [...] não prevê que todos os operadores apareçam consistentemente de um mesmo lado da categoria núcleo [...] mas prevê que a distribuição de operadores em torno do núcleo se faça na mesma proporção em todas as categorias” (KATO, 1988, p. 210), mas este princípio não explica porque uns aparecem antes e outros depois. Assim, segundo os postulados do Princípio da Harmonia Transcategorial, línguas SOV contam em geral com posposição, não preposição, ordem Genitivo Nome e Nome Adjetivo, e este é de fato o caso do Kaingang.

Feita a descrição possibilitada pelos dados presentes na literatura, vejamos como se descrevem e analisam línguas bastante próximas do Kaingang em termos estruturais, ainda que genealogicamente distantes.

<sup>22</sup> A proposta que trazemos para os possessivos se encaixariam nesta classificação, inclusive.

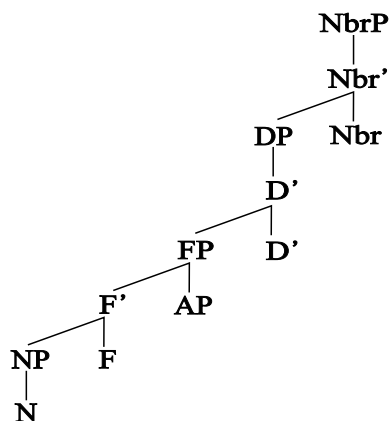
### 3. Uma comparação com as línguas Gungbe e Fongbe

A ordem ART DEM NUM ADJ N é, para Cinque (2005), a ordem de palavras mais comum nas línguas do mundo. Esta é especificamente a ordem espelhada do Kaingang, como vimos em (37). Com base na teoria gerativa, poderíamos pensar que estamos diante de um parâmetro que ordena a direcionalidade da projeção, de modo que os complementos precedam os nomes e os especificadores sucedam, ou seja, uma árvore sintática de direção espelhada ao que temos em português, por exemplo. De fato, este tipo de estrutura foi proposto por Brousseau & Lumsden (1992) para o Fongbe. Um exemplo de como se ordenam seus DPs pode ser visto em (38):

- (38) a. Dìdè dàgbé ó  
Esboço bom o  
b. Dìdè dàgbé ó le  
esboço bom o-plural

Brousseau e Lumsden (1992) propõem que a ordem linear em Fongbe pode ser explicada pela variação paramétrica na direcionalidade da projeção. A ideia é de que há diferença entre as línguas na ordem linear do núcleo e de seus constituintes, seus especificadores e seus complementos, de modo que os complementos precedam os núcleos e os especificadores os sucedam em Fongbe. Em Alexiadou, Hargeman e Stavrou (2007, p. 378) encontramos uma representação compatível com a proposta de Brousseau e Lumsden (1992): o morfema de plural está no núcleo de NbrP, e este domina DP; já os adjetivos seriam gerados como especificadores de projeções funcionais.

(39)



Do ponto de vista descritivo, a ideia é adequada; mas, conforme discussão feita no trabalho seminal de Kayne (1994), do ponto de vista teórico, há divergências de opiniões. A hipótese que o autor defende é de que há uma ordem de base universal para as línguas, e são os núcleos que consistentemente precedem os complementos e os especificadores precedem a ambos. Isso traz mais clareza para as regras de movimento, que sempre ocorrem a esquerda, e para posições c-comandantes, o que altera a ordem linear. De acordo com Kayne, os elementos c-comandantes precedem os elementos c-comandados. Desse modo, derivar uma ordem diferente da ordem de base universal citada acima implica movimentar os sintagmas envolvidos.

Aboh (1998) traz uma proposta para a sintaxe dos DPs do Gungbe que também se estende ao Fongbe, - as duas são línguas africanas da família Gbe, subgrupo das línguas Kwa. As variedades das duas línguas apresentada por Aboh são faladas no sul da República de Benim, país localizado na região ocidental da África. Como mostram os exemplos do Gungbe abaixo (adaptados de ABOH, 1998, pp. 1-2), a ordem linear do DP se inicia com o nome e seu determinante se encontra na periferia direita do DP, não sendo necessariamente o elemento final, pois ainda pode se incluir o marcador de plural.

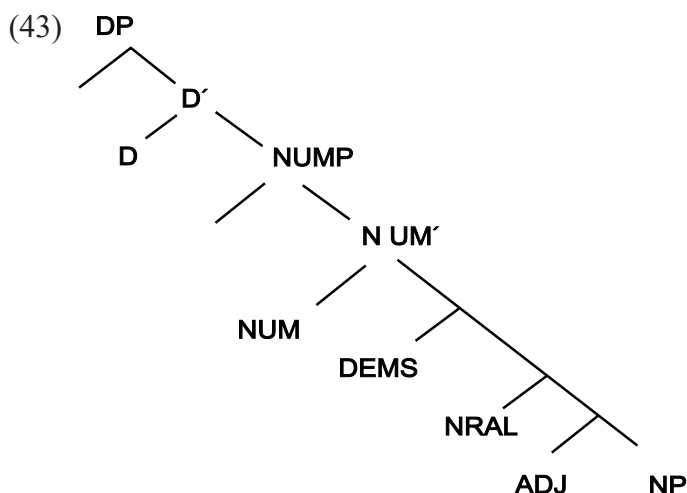
- (40) a. távò lò  
 mesa Det  
 ‘a (específica) mesa’
- b. távò xóxó ló le  
 mesa velha Det Num  
 ‘as (específica) mesas velhas’
- c. távò xóxó éhè ló le  
 mesa velha Dem Det Num  
 ‘estas (específicas) mesas velhas’
- d. àgásá ðàxó àtòn éhè ló le  
 caranguejo grande três Dem Det Num  
 ‘estes (específicos) três grandes caranguejos’

É fácil perceber a semelhança sintática entre os dados em (38) e (40). Aboh (1998) propõe uma análise para o Gungbe e para o Fongbe baseada na hipótese kayneana, citada acima. Segundo essa proposta, o Gungbe não difere de outras línguas em sua estrutura, mas em seus movimentos: a ordem com N inicial é derivada via movimento de constituintes. O efeito deste movimento é a ordem dos constituintes invertida quando comparada ao inglês, por exemplo:

- (41) these three big dogs (inglês)  
 [estes três grande cachorros]
- (42) àvun ðàxó àtòn éhè ló le (gungbe) (ABOH, 1998, p. 19)  
 [cachorro grande três esse o Num]

Se assumirmos a hipótese Kayneana de que temos sempre estruturas especificador-núcleo-complemento, temos aqui uma proposta de um universal para a linguagem. As diferenças entre as línguas se explicam via movimentos a esquerda. Uma possível ordem seria:





Esta ordem é o espelho da ordem encontrada em Gungbe, em Fongbe e em Kaingang. Ou seja, se postularmos apenas o movimento do N ou do NP, não teremos como resultado a ordem observada. Por isso, Aboh propõe movimentos em forma de “bola de neve” em conjunto com movimentos cíclicos para derivar a ordem do Gungbe.

De acordo com a proposta de Aboh, o movimento de constituintes procede assim: o nome se move sobre adjetivo (movimento 1), que está no especificador de uma projeção funcional (FP); em seguida, ambos se movem sobre o numeral (movimento 2) para o especificador, em um movimento conhecido como “bola de neve”, pois o movimento carrega nome e adjetivo juntos. Por fim, nome+adjetivo+numeral se movem sobre demonstrativos (movimento 3). Esse *cluster* se move ciclicamente para *spec Num* e em seguida para *spec DP* (movimento 4).

(44) Ordem base:

[...DP... [...NUMP... [...DEM... [...NUMERAL... [...ADJ... [NP...]]]]]]

(45) Gungbe (e Fongbe):

[...DP... [...NUMP... [...DEM... [...NUMERAL... [...ADJ... [NP...]]]]]]

Assim, a estrutura do Gungbe não seria diferente da sua contraparte no inglês, no francês ou em qualquer outra língua que teria uma estrutura de núcleo inicial.<sup>23</sup>

#### 4. Proposta de estrutura para o Kaingang

Como visto anteriormente em (37), a ordem dos elementos nos DPs do Kaingang seria:

<sup>23</sup> Destacamos que a Gramática Gerativa, cf. Chomsky (1995) concebeu o movimento como uma operação de último recurso (*last resort*). No entanto, Aboh (1998) não discute essa questão em profundidade e não fica claro qual motivação dos movimentos propostos (o que é um desafio para muitos trabalhos nesta linha). Entendemos que esse é um problema importante que também se coloca a nosso trabalho, mas deixamos essa questão para trabalhos futuros. Agradecemos a um dos pareceristas anônimos pela lembrança.

(46) POSS > NOME > ADJ. (+ADV) > NUMERAL > DEM > D-INDEF. > GEN/NUM

Já dissemos que determinantes indefinidos não carregam a marca de número (e gênero). Assim, uma possibilidade de análise é considerar que indefinidos estão em DP, e GEN/NUM estão em NumP.<sup>24</sup> Essa hipótese precisa ser discutida melhor em trabalhos futuros. Mas, a favor desta hipótese, apontamos que a possibilidade de coocorrência do marcador de gênero e número com determinantes indefinidos indica que ambos não podem ter as mesmas funções, pois isto resultaria em uma leitura contraditória. D'Angelis (2002, pp. 227-8), de fato, nos explica que em Kaingang “a forma masculina é sempre necessária quando o número precisa ser esclarecido”<sup>25</sup> e que “o papel dos elementos *ti*, *fi*, *ag* e *fag* como numeral<sup>26</sup> parece bastante evidenciado<sup>27</sup>, remetendo o gênero gramatical “feminino X não-feminino” a um claro caso de concordância.”

Assim, em (47) vemos a estrutura inicial de base que propomos para o Kaingang:

(47) [...DP... [...NUMP... [...DEM... [...NUMERAL... [...ADJ... [...NP... ]]]]]

A partir de (47), vários movimentos são executados, tanto movimentos bola de neve, quanto movimentos cíclicos, semelhante ao proposto por Aboh (1998) e conforme indicado na lista abaixo:

1. movimento de núcleo do NP para *spec* Adjetivo;
2. movimento “bola de neve” do constituinte NP+ADJ para *spec* Numeral;
3. movimento “bola de neve” do constituinte NP+ADJ+NUM para *spec* Demonstrativo;
4. movimento cíclico de NP+ADJ+NUM+DEM para *spec* NUM seguido de movimento para *spec* DP.

Assim, o que estamos representando acima é algo bastante similar ao que Aboh propôs para o Gungbe.

<sup>24</sup> Não discutiremos a marca de gênero, pois é preciso mais estudos sobre a alocação de seus traços.

<sup>25</sup> Também em nota, D'Angelis traz como ressalva os casos em que já há uma marca de numeral explícita, situação em que parece não ser exigida a concordância. Seu exemplo é adaptado de Val Florianiana (1920, p. 169): *regre kosin tâte fi* (dois filho fêmea sg.fem), traduzido como “duas filhas”. Segundo um dos pareceristas deste trabalho, trata-se de um exemplo problemático, pois a palavra *regre* também pode ser traduzida como irmão, o que nos levaria a traduzir o exemplo como “filha mulher do irmão”, e não como “duas filhas”.

<sup>26</sup> O autor usou a palavra “numeral” no seu artigo, mas estamos compreendendo que o caso citado refira-se a número, isto é, singular e plural, conforme já indicado neste artigo.

<sup>27</sup> Também é importante pontuar que nos casos em que há pluralidade de ações ou de eventos indicada pelo verbo, o número no verbo pode, segundo Nascimento (2017, p. 41), dispensar a marca de plural no DP sujeito. Exemplos de D'Angelis (2004, p.76 apud NASCIMENTO, 2017, p. 41)

Kukrũ tỹ gów  
 Panela nominativo quebrar(sg)  
 ‘A panela se quebrou’  
 Kukrũ tỹ gógów  
 Panela nominativo quebrar(pl)  
 ‘As panelas se quebraram’

A nosso ver, isso não invalida as generalizações trazidas neste trabalho.

Temos claro que várias questões surgem a partir da sequência de movimentos acima. São questões tanto de natureza descritiva (que demandam mais pesquisa), quanto questões teóricas que deem suporte ao que se propõe (veja nota 23). Algumas das motivações para os movimentos estão descritas em Aboh (1998). Remetemos o leitor a esse texto para maiores detalhes.

## 5. Conclusão

Evidentemente, necessitamos de mais estudos sobre os DPs do Kaingang para que possamos apresentar uma estrutura mais fina. Contudo, para os objetivos deste trabalho, que é descrever e propor uma estrutura inicial que motive maiores discussões, já foi possível verificar que a ordem padrão em Kaingang se assemelha a ordem padrão do DP em Gungbe.

Com este trabalho, percebemos uma série de temas que ainda carecem de estudos no Kaingang, mas não contamos com dados suficiente para inseri-los na proposta. Em especial, destacamos a falta de clareza sobre a natureza dos determinantes definidos no Kaingang, a ausência de dados que indiquem uma possibilidade de itens como adjetivos ocorrerem em diferentes posições, e ainda trabalhos que explorem mais a fundo a natureza dos possessivos.

Além das questões já apontadas, acrescentamos mais duas, não mencionadas no texto, mas que surgiram durante a coleta dos dados: onde encontramos aspecto dentro dos DPs (exemplo (48))? E onde se posiciona o modificador *kar* (todos) na estrutura nominal (exemplo (49))?

(48) [ẽkré fej nỹ ãn] vỹ, Neco tũ nỹ (TABOSA, 2014, p. 157)  
[plantação florida ASP DEM] NUC n.próprio objeto ASP  
'Aquela plantação é do Neco.'

(49) Kanhgág kar ag vỹ vẽnh gringrén tĩ (NAVARRO, 2012, p. 27)  
Kaingang total pl.masc NUC dançar-PL ASP  
'Todos os kaingangs dançam.'

Deixamos estes temas em aberto para pesquisas futuras.

Para finalizar, acreditamos que essa proposta inicial de estrutura para os DPs do Kaingang possibilitará a formação de novas hipóteses para que um trabalho de campo possa ser realizado e a descrição dos dados possa ser refinada.

## Referências

ABOH, Enoch Olade. *On the syntax of Gungbe noun phrases*. Paper presented at the African Language and Linguistics Colloquium, 1998. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED420209.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

ABREU, Emília Rezende Rodrigues. *Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang*. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. *Noun Phrase in the Generative Perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2007.

BROUSSEAU, Anne-Marie; LUMSDEN, John S. Nominal Structure in Fongbe. *The Journal of West African Languages* 1992, 1, pp. 5-25.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge/MA: MIT Press, 1995.

CHRISTINO, Beatriz; LIMA E SILVA, Moana. Concordância Verbal e Nominal na escrita em Português-Kaingang. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, v. 22, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25081/16311>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions. *Linguistic Inquiry*, vol. 36, Number 3, Summer 2005, pp. 315-32.

D'ANGELIS, Wilmar. *A Língua Kaingang*. 2006. Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org).

DOMINGUES, Gislaiane. *Descrição morfossintática do nome e do verbo na Kaingang*. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

GONÇALVES, Solange Aparecida. *Aspecto no Kaingang*. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

GREENBERG, Joseph H. (ed). *Universals of language*. 2nd edition. Cambridge, MA: MIT Press. 1966.

KAYNE, Richard S. *The antisymmetry of syntax*. Linguistic Inquiry monographs 25, Cambridge, /London: The MIT Press, 1994.

KATO, Mary A. A sequência Adj+N em português e o princípio da harmonia transcategorial. *Letras & Letras*, v. 4, n. 1-2, 1988, pp. 205-13.

NASCIMENTO, Marcia. *Evidencialidade em Kaingang: descrição, processamento e aquisição*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato. *Aspectos Morfológicos e Sintáticos e Marcação de Caso da Língua Kaingáng*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1995

NAVARRO, Michel P Assis. *Restrição de domínio, distributividade e a expressão kar em um dialeto da língua Kaingang*. Dissertação. USP. São Paulo, 2012.

PANAGIOTIDIS, Phoevos. *Rethinking Adjectives*. AMGL, 12, 2016.

PAYNE, Thomas E. *Describing Morphosyntax: A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PROJETO WEB INDÍGENA. *Kanhgág jógo*. Disponível em: <https://www2.iel.unicamp.br/kanhgag/node/5132>. Acesso em: 08 jun. 2021.

RIJKHOFF, J. *The Noun Phrase*. New York: Oxford University Press, 2002.

RODRIGUES, Aryon D. Macro-Jê. In: Dixon, R. M. W; AIKHENVALD, Alexandra. *The Amazonian Languages*. New York: Cambridge University Press, 1999

SILVA, Maria Sueli Ribeiro. *A Língua Kaingang na Aldeia Paulista Icatu: uma descrição funcional*. Tese. UNESP/São José do Rio Preto. 2011

TABOSA, Luciana Pereira. *Orações Complexas da Língua Kaingang*. Tese. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2014.

TOPÊ Vĩ RÃ: *O novo testamento na língua Kaingang*. Wychiffe/Liga Bíblica, 2012 [1977]. Disponível em: <https://www.scriptureearth.org/data/kgp/PDF/00-WNTkgp-web.pdf>.

VESTIBULAR INDÍGENA. Universidade Federal do Paraná. Edital 06/2012, NC/PROGRAD/UFPR, Prova 14/12/2012.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. *Dicionário Kaingang-Português / Português – Kaingang*. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011 [2002].

## Apêndice

DETERMINANTE	PRONOME DEMONSTRATIVO	PRONOME POSSESSIVO	PRONOME PESSOAL	PRONOME INDEFINIDO
Ag (determinante masc plural)	ẽn  (aquilo, aquele)	Inh  (sg.1p)	Inh  (sg.1p)	Û  (alguém, algum)
Fag (determinante feminino plural)	Tag  (este, isto)	ẽg  (pl.1p)	ẽg  (pl.1p)	vẽnh  (de alguém)
Ti (determinante masculino singular)		Ã  (sg.2p)	Ã  (sg.2p)	
Fi (determinante feminino singular)		Ãjag  (pl.2p)	Ãjag  (pl.2p)	
		Ti / Fi  (sg.3p) masc/fem	Ti / Fi  (sg.3p) masc/fem	
		Ag/Fag  (pl.3p) masc/fem	Ag/Fag  (pl.3p) masc/fem	

**Fonte:** os autores

**Lista de Siglas Utilizadas:**

ADJ – Adjetivo	NUC – núcleo Oracional
ADV – Advérbio	NUM – marca de número
AP – Sintagma Adjetival	PL – Plural
ASP – núcleo aspectual	pl.masc/fem – plural masculino ou feminino
DEM – Demonstrativo	pl.3p – plural/terceira pessoa
DET - Determinante	POSS – Possessivo
D-Indef – Determinante Indefinido	sg.masc/fem – singular masculino ou feminino
DP – Sintagma Determinante	sg.3p – singular/terceira pessoa
GEN – marca de gênero	v – verbo
m.s – marcador de sujeito	3p – terceira pessoa

**Fonte:** os autores